

RODRIGO GAVINI/AT



Descontos e promoções no Dia do Amigo

>16

AGÊNCIA ESTADO



Vasco anuncia Fágner e acerta com Guñazu >64

ASSESSORIA FIAT



Fiat tem o conversível mais barato

>Sobre Rodas

a TRIBUNA

R\$ 1,50

VITÓRIA-ES | SÁBADO, 20 DE JULHO DE 2013 | ANO LXXI | Nº 24.597 | FUNDADO EM 22/09/1938 | EDIÇÃO DE 124 PÁGINAS

ADRIANO HORTA/AT

Quando isso vai parar?

O centro de Vitória se transformou num cenário de guerra. Baderneiros fizeram quebra-quebra e atacaram o Palácio Anchieta com pedras e bombas. Lojistas fecharam as portas para evitar saques. >2 a 11

GUSTAVO FORATTINI/AT



APÓS QUEBRAREM vidros de janela, baderneiros tentam forçar a entrada no Palácio Anchieta. No destaque, vândalo usa poste com placa de trânsito e ataca a Secretaria de Estado da Fazenda

Contadora é assaltada, briga com bandidos, mas fica sem o carro em Jardim da Penha >27

Reportagem Especial

MANIFESTAÇÕES

Quando isso vai parar?

Autoridades de vários setores apostam no diálogo e acreditam que cidadãos não querem ser representados por vândalos

Pelo fim de movimentações que acabem em quebradeira, autoridades de diversos setores do Estado apostam na abertura do diálogo e acreditam que cidadãos capixabas tendem a, cada vez mais, antipatizar com manifestações violentas.

Cerca de 300 manifestantes caminharam, ontem pela manhã, da Assembleia Legislativa ao Palácio Anchieta, que acabou virando alvo de depredações.

“A população uma hora vai tomar a decisão entre apoiar os policiais ou um monte de vândalos”, disse o comandante-geral da Polícia Militar, o coronel Edmilson dos Santos.

O secretário de Estado do Governo, Tyago Hoffmann, também acredita no apoio da população.

“As pessoas que estavam se manifestando legitimamente de forma pacífica deixaram as ruas e agora os vândalos permanecem. Não sei quando isso vai parar. Mas a sociedade está refletindo e vendo que essas pessoas que foram para as ruas não estão legitimadas pela população para se manifestar”, destacou.

Para o presidente da Associação dos Magistrados do Espírito Santo (Amages), Sérgio Ricardo de Souza, as manifestações estão em fase de declínio no Estado.

“Começaram com a busca de providências estatais legítimas. Cresceram e chegaram a um ápice em que se chegou a reunir 100 mil pessoas. Depois foi para uma fase de declínio, em que perdeu até apoio popular”, explicitou Sérgio Ricardo.

“Hoje o que se vê é que teve declínio da participação popular e infiltração de vândalos e crimino-



BADERNEIROS sobem na sacada do Palácio Anchieta e chutam os vidros das janelas: atos de vandalismo marcaram o protesto de ontem

sos”, completou.

Lideranças ligadas ao comércio citaram que os donos de lojas são os principais prejudicados com os atos de vandalismo.

“Os comerciantes, mais uma vez,

“As pessoas que estavam se manifestando de forma pacífica deixaram as ruas e agora os vândalos permanecem”

Tyago Hoffmann, secretário de Estado do Governo

foram penalizados pelos vândalos, que apedrejaram lojas e estabelecimentos bancários. Infelizmente, está se tomando um rumo incontrollável”, lamentou o presidente do Fecomércio, José Lino Sepulcri.

O presidente da Federação das Indústrias do Espírito Santo (Fides), Marcos Guerra, defendeu a prisão de pessoas flagradas em atos de vandalismo.

“Essa manifestação quando começou em junho foi bonita. Foi um ‘acorda, Brasil’. Mas repudio o que aconteceu hoje (ontem) em Vitória. Tem que prender e tem que processá-los pelos danos que estão acontecendo.”

Os números

Atos de vandalismo em 9 manifestações

13 PROTESTOS JÁ ACONTECERAM NA GRANDE VITÓRIA DESDE O DIA 17 DE JUNHO

PRÉDIOS PÚBLICOS FORAM DEPRIDADOS

- > 7 MANIFESTAÇÕES tiveram episódios de vandalismo
- > 32 DIAS já dura a onda de manifestações
- > 4 PRÉDIOS PÚBLICOS foram depredados
- > 16 CABINES da Rodosol já foram destruídas
- > A RODOSOL estima prejuízo de R\$ 1,5 milhão
- > MAIS DE 100 PESSOAS já foram presas
- > 12 DIAS durou a ocupação na Assembleia Legislativa



R\$ 280 MIL foram os prejuízos com a destruição de 41 ônibus

Fonte: Pesquisa A Tribuna

OPINIÕES

FERNANDO RIBEIRO/AT

ADRIANO HORTA - 16/07/2013

FERNANDO RIBEIRO/AT

FERNANDO RIBEIRO/AT

FERNANDO RIBEIRO/AT



“A ação de hoje (ontem) demonstra que eles são um grupo organizado. É possível que haja lideranças”

André Garcia, secretário da Segurança



“A população uma hora vai tomar a decisão entre apoiar policiais ou vândalos”

Edmilson dos Santos, comandante da Polícia Militar



“Quando for restabelecido o diálogo por aqueles que não o querem, diminui a zona de atrito”

Joel Lyrio, chefe da Polícia Civil



“Essas pessoas que foram para as ruas não estão legitimadas pela população para se manifestar”

Tyago Hoffmann, secretário de governo



“Vamos chamar a responsabilidade dessas pessoas perante a Justiça”

Eder Pontes, procurador-geral de Justiça

Reportagem Especial

MANIFESTAÇÕES

Acordo para prender vândalos

Com o objetivo de prender quem depreda o patrimônio público e privado, o Ministério Público do Espírito Santo (MP-ES) e a Polícia Civil fizeram um acordo e prometem rigor na aplicação da lei para enquadrar os vândalos até mesmo por formação de quadrilha.

De acordo com o secretário de Estado da Segurança Pública, André Garcia, as identificações de vândalos já começaram. “Nós temos identificação de um número razoável. Estamos coletando informações da inteligência e instaurando inquéritos policiais”.

Questionado sobre o número de pessoas que já teriam sido identificadas, o secretário afirmou que esse é um dado que não pode ser revelado. “É um número razoável de pessoas. Vamos encaminhar ao Ministério Público quando tivermos mais provas dos atos de cada um”.

Segundo o chefe da Polícia Civil,

“A partir do momento que essas pessoas forem identificadas, o Ministério Público agirá. E agirá com rigor”

Eder Pontes, procurador geral

Joel Lyrio, já existem três inquéritos instaurados. Ele afirmou que os criminosos que agiram furtando lojas na Praia do Canto e Enseada do Suá e causaram danos ao Tribunal de Justiça e à Assembleia serão responsabilizados e levados à Justiça. “Dentro desses inquéritos vamos poder apontar o que realmente está acontecendo e quais são as pessoas envolvidas”.

De acordo com o procurador-geral de Justiça do Estado, Eder Pontes, a violência que tem feito parte das manifestações gera uma insegurança indiscutível na sociedade.

“Repudiamos com veemência qualquer tipo de violência. Cabe, então, aos órgãos de segurança pública desse estado agirem de forma coordenada. Por tal razão fizemos essa reunião a fim de selarmos parceria com a Polícia Civil, a fim de discutir medidas legais a serem adotadas, inclusive no âmbito judicial”, declarou.

O procurador afirmou que a ação do Ministério Público será rigorosa. “A partir do momento que essas pessoas forem devidamente identificadas, o Ministério Público agirá e agirá com rigor. Não vamos tolerar qualquer tipo de ação dessa natureza. Vamos responsabilizar sim, basta chegar às nossas mãos a identificação dessas pessoas e também a identificação das imagens dos atos praticados”.



GUSTAVO FORATINI/AT

VÂNDALO com camisa amarrada no rosto usa cone para quebrar a vidraça da janela do Palácio Anchieta, no centro de Vitória. Polícia já começou a identificar baderneiros para que sejam instaurados inquéritos policiais

Pontes ressaltou que a anarquia praticada por esses grupos é preocupante. “A medida que a anarquia se estabelece, a sociedade como um todo acaba legitimando e vendo com naturalidade a ação mais dura por parte da polícia. Isso é extremamente preocupante”.

OPINIÃO

Vandalismo sem limites

A caminhada em busca por um País melhor, legitimada pela multidão que se manifestou nas ruas por transformações sociais e políticas, esbarra nos últimos dias no vandalismo gratuito de uma minoria de radicais, que tem como estratégia o confronto e o perigoso espírito de destruição.

O que se viu no centro de Vitória ontem, durante o dia, foi um espetáculo de insensatez. Quem apedrejou o Palácio Anchieta, o prédio da Secretaria da Fazenda,

bancos e outras instituições não foram jovens idealistas, mas vândalos travestidos de manifestantes. Não há justificativa para atos dessa natureza, que não podem ser mais aceitos.

Todo esse cenário constrange a sociedade que, certamente, não apoia a violência como instrumento de mudanças. A população está cansada desse vandalismo planejado, possivelmente, por interesses escusos que não refletem os anseios populares.

PARTICIPARAM DESTA REPORTAGEM: Andréa Nunes, Daniel Figueredo, Eliane Proscholdt, Francine Spinassé, Katilaine Chagas, Luísa Torre, Marcelle Desteffani, Mary Martins e Rebeca Santos



ADRIANO HORTA/AT



GUSTAVO FORATINI/AT

POPULAÇÃO CORRE ao perceber a ação dos vândalos, que colocaram até fogo na pista. Policiais foram acionados

OPINIÕES

JULIA TERAYAMA - 09/08/2012



“Teve declínio da participação popular e infiltração de vândalos e criminosos”

Sérgio Ricardo de Souza, presidente da Amages

RODRIGO GAVINI - 04/11/2010



“A queda de movimento já chega a 40% em alguns setores”

Marcelo Salles Barbosa, presidente da Federação das CDLS

GUSTAVO FORATINI - 20/03/2012



“O grande prejuízo está na falta de continuidade do comércio aberto”

Cláudio Sipolatti, presidente do Sindilojistas

ANTONIO MOREIRA - 22/03/2012



“Os comerciantes mais uma vez foram penalizados pelos vândalos”

José Lino Sepulcri, presidente do Fecomércio

KADIDJA FERNANDES - 20/09/2012



“Essa manifestação já está trazendo prejuízos incalculáveis, sem falar no medo da população”

Marcos Guerra, presidente da Findes

Reportagem Especial

GUSTAVO FORATINI/AT



APÓS CONFUSÃO E DEPREDÇÃO, Tropa de Choque do Batalhão de Missões Especiais (BME) da Polícia Militar bloqueia a passagem de manifestantes que chegavam ao Palácio da Fonte Grande, no centro de Vitória, durante o protesto realizado ontem

MANIFESTAÇÕES

Cenário de guerra no Centro

Baderneiros atacaram monumentos e órgãos públicos. Com medo, comerciantes fecharam as portas e a população entrou em pânico

O centro de Vitória se transformou em um cenário de guerra ontem. Em meio ao quebra-quebra, choro, gritos e correria, pessoas de várias idades tinham praticamente a mesma intenção: escapar ilesas de pedras e bombas vindas de todos os lados.

Comerciantes que abriram os estabelecimentos pela manhã preferiram não se arriscar e, ao avistar a aproximação de baderneiros, abaixavam as portas, temendo depredações e saques.

Motoristas que ficaram no meio do fogo cruzado também não esconderam o pânico. Um deles discutiu com um baderneiro, próximo ao Palácio da Fonte Grande.

Exaltado e com o rosto coberto, o baderneiro ordenava que o motorista usasse o seu carro como barricada para impedir o avanço da Tropa de Choque do Batalhão de Missões Especiais (BME) da Polícia Militar (PM).

Ao sair do veículo, o motorista disse, visivelmente irritado: "Isso que vocês estão fazendo não é uma forma de lutar pelo País." O bate-boca continuou por alguns minutos e, ao final, ele abandonou o carro no meio da rua e se afastou da confusão.

O protesto começou pacífico. Às 6 horas, os manifestantes começaram a chegar em frente à Assembleia Legislativa e, às 7h30, iniciaram a caminhada, passando pelo Tribunal de Contas do Estado rumo à praça de pedágio.

Durante o percurso, um pequeno grupo já demonstrava que o objetivo era quebrar tudo, ao cantar: "Sou baderneiro, com muito orgulho, com muito amor".

A PM se manteve distante em grande parte do tempo, mas sempre atenta aos atos dos vândalos, inclusive com policiais do serviço de inteligência infiltrados. Baderneiros chegaram a cercar e tentar intimidar pessoas que eles suspeitavam que fossem policiais à paisana.

A Tropa de Choque entrou em ação depois que o Palácio Anchieta e o Palácio da Fonte Grande foram depredados e houve tentativa de invasão dos vândalos.

A partir daí, bombas de gás lacrimogêneo, spray de pimenta e balas de borracha foram lançadas para dispersar os baderneiros. Mas eles corriam e iniciavam a quebra-deira em outros pontos da cidade.

O comandante geral da PM, coronel Edmilson dos Santos, disse que cerca de 300 pessoas participaram do protesto. "Considero que praticamente todos são baderneiros que foram para lá com o único objetivo: destruir", lamentou.

CENAS DA CONFUSÃO

GUSTAVO FORATINI/AT



JOVEM COM ROSTO COBERTO lança fogos de artifício contra veículos da Ronda Ostensiva Tática Motorizada (Rotam) em uma escadaria do centro de Vitória. Rojões e pedras também foram usados contra a polícia. Assustadas com o confronto, pessoas buscavam refúgio dentro de prédios comerciais e residenciais.

ADRIANO HORTA/AT



UMA JOVEM DESMAIOU por causa das bombas de gás lacrimogêneo lançadas pela polícia. Ela precisou ser resgatada pelo Corpo de Bombeiros.

GUSTAVO FORATINI/AT



DURANTE O CONFRONTO entre manifestantes e a Polícia Militar, houve vários momentos de correria pelas ruas do centro de Vitória. Muitos moradores e pessoas que trabalham no local se assustaram.

OS NÚMEROS

300 baderneiros participaram da manifestação de ontem

66 pessoas foram presas durante o protesto

10 horas foi o tempo de duração do protesto

Reportagem Especial

MANIFESTAÇÕES

Destruição no Palácio Anchieta

Com os rostos cobertos e armados com pedras e bombas, baderneiros não pouparam nem o patrimônio histórico e atacaram o Palácio Anchieta, onde fica o governador do Estado, Renato Casagrande, que não estava no local na hora da confusão.

O Palácio da Fonte Grande, onde funcionam algumas secretarias de governo, também foi alvo de destruição. Ambos ficam no Centro.

Assim que chegaram em frente à escadaria que dá acesso à entrada principal do Palácio Anchieta, um grupo de 10 baderneiros jogou pedras e rojões nas vidraças.

Os artefatos foram lançados pelo portão de grade e explodiram dentro do Palácio Anchieta. Uma bomba caseira também foi lançada, mas não explodiu.

Em seguida, o mesmo grupo, ao perceber que não houve reação da Polícia Militar (PM) – que estava dentro do Palácio –, arrombou uma das janelas, com pontapés.

Ainda na escadaria, eles quebraram jarros de plantas com marteladas. Lustres do local também foram destruídos por pedradas, um a um.

Sem se contentarem e ainda mais ousados, eles foram para a entrada lateral e repetiram a cena. Um dos baderneiros, com uma camisa no rosto, quebrou com chutes uma janela que fica no térreo do Palácio Anchieta.

Com a janela quebrada, ele pulou para dentro do Palácio, mas se deparou com um policial militar, que tentou acertá-lo com um cassetete, mas o baderneiro pulou de volta para a rua e escapou ileso.

Segundos depois, a Tropa de



GUSTAVO FORATINI/AT

BADERNEIROS depredaram o Palácio Anchieta, quebrando lustres e jogando bombas. Um jovem que pertencia ao grupo tentou entrar no local pulando uma das janelas que foram quebradas, mas, ao se deparar com um policial militar, pulou de volta para a rua e escapou ileso

Choque que estava dentro do Palácio começou a jogar bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral contra o grupo.

Os baderneiros correram, arrancaram um tapume que estava protegendo a construção na antiga Assembleia Legislativa e novamente avançaram em direção ao Palácio, usando a madeira como escudo.

A PM continuou revidando e lançou bombas. Acuado, o grupo correu, deixando para trás o tapume. De lá, eles se reuniram na Praça Costa Pereira e seguiram para o Palácio da Fonte Grande, onde provocaram outra destruição.

Na Fonte Grande, eles arrancaram as bandeiras do Brasil e do Espírito Santo e, no lugar, colocaram

uma bandeira preta.

Diferentemente de outros protestos, o secretário de Estado da Segurança Pública (Sesp), André Garcia, e o comandante geral da Polícia Militar, coronel Edmilson dos Santos, ficaram dentro do Palácio Anchieta, de onde davam as ordens para o restante da tropa. Em outros eventos, eles ficavam na Sesp.

Reforma durou cinco anos e custou R\$ 5 milhões

O Palácio Anchieta passou por uma restauração durante cinco anos, entre julho de 2004 e novembro de 2009. O objetivo da restauração foi a revitalização do edifício, promovendo a valorização de elementos ocultados durante décadas por sucessivas reformas e resgatando a história do prédio.

A primeira restauração do Palácio foi feita em seis etapas. O Governo do Estado investiu R\$ 5 milhões nas obras, que também contaram com recursos da Lei Rouanet.

Na reforma, todas as instalações elétricas, hidráulicas e telefônicas e os sistemas de climatização e drenagem foram modernizados. O telhado também passou por uma reforma completa.

O acervo artístico e o mobiliário do palácio também foram restaurados.

Durante a restauração do Palácio Anchieta, no Salão Afonso Brás, foram encontradas prospecções arqueológicas na parede lateral da construção, que são vestígios da antiga igreja.

Outros vestígios de antigas construções também foram identificados durante a reforma do prédio, como as fundações do colégio jesuítico, um poço d'água no pátio central e o altar-mor da igreja que ali funcionava.

O Palácio é sede do Poder Executivo do Estado e reúne um acervo de obras de arte, com pinturas dos séculos XIX e XX de artistas capixabas, nacionais e até internacionais.

CENAS DO PROTESTO

GRUPO INTITULADO Black Bloc ES (Bloco Negro, em tradução livre) participou da resistência à Tropa de Choque na frente do Palácio Anchieta. Com rostos cobertos, roupas escuras e bandeiras pretas nas mãos, eles ocuparam as escadarias do Palácio.



ADRIANO HORTA/AT



GUSTAVO FORATINI/AT

POR TELEFONE, comandante da PM, coronel Edmilson dos Santos, passa as ordens para o resto da tropa



GUSTAVO FORATINI/AT

BADERNEIROS fizeram barricada e usaram fogos de artifício e rojões para atingir o Palácio Anchieta



FERNANDO RIBEIRO/AT



GUSTAVO FORATINI/AT

UMA DAS ESTÁTUAS da escadaria que dá acesso ao Palácio Anchieta teve a cabeça e braços arrancados. A escultura é feita em mármore de Carrara e representa um adolescente sentado sobre um delfim estilizado. No final da tarde, a cabeça foi recuperada e guardada no Palácio.

Reportagem Especial



ADRIANO HORTA/AT



DIVULGAÇÃO

VÂNDALO USA POSTE COM PLACA de trânsito para quebrar e invadir a sede da Secretaria de Estado da Fazenda, no Centro. Entrada do prédio ficou totalmente destruída

MANIFESTAÇÕES

Secretaria invadida e saqueada

Secretaria de Estado da Fazenda teve móveis roubados e computadores destruídos. Vidraças de três bancos foram atingidas por vândalos

Além do Palácio Anchieta e da Fonte Grande, o prédio da Secretaria de Estado da Fazenda (Sefaz) também foi alvo de baderneiros, que destruíram vidraças e invadiram o local. Três agências bancárias também foram atingidas em Vitória.

O quebra-quebra na secretaria começou às 13h53, quando cerca de 30 vândalos quebraram com pedras, barras de ferro e pedaços de madeira a fachada do órgão, que fica no edifício Aureliano Hoffmann, no Centro.

Os três seguranças patrimoniais que estavam no local se refugiaram atrás das roletas que dão acesso aos elevadores.

Os baderneiros também utilizaram cadeiras da recepção para quebrar vidraças do edifício da Sefaz. Depois, levaram os assentos para a barricada que foi montada em frente ao Palácio Anchieta.

Os extintores de incêndio foram acionados pelos vândalos, que também destruíram as câmeras de videomonitoramento da secretaria.

Das agências bancárias, as mais afetadas foram o Banestes, na Praça Oito, e o Bradesco, na avenida

Jerônimo Monteiro. Eles também jogaram pedras no Santander, na avenida Princesa Isabel.

Um funcionário do Banestes ficou ferido no braço por uma pedra atirada por vândalos, enquanto tentava proteger o rosto. Ele contou que cerca de 20 pessoas atiraram pedras contra o banco e quebraram sete vidraças da frente do local.

Ele foi ao Departamento de Polícia Judiciária (DPJ) de Vitória registrar queixa e fez exame de corpo de delito no Departamento Médico Legal (DML), que constatou que a lesão foi de natureza leve.

“Quando eles atiraram as primeiras pedras, saí da agência para perguntar por que estavam fazendo aquilo, já que a intenção da ma-

nifestação não era essa. Eles continuaram a jogar pedras e os vigilantes da agência atiraram para o alto, porque se assustaram.”

Ainda de acordo com o funcionário, quatro tiros foram disparados por três vigilantes da agência. Ninguém se feriu. O confronto aconteceu por volta das 11 horas e cerca de 30 clientes estavam no banco.

“Os clientes ficaram apavorados e subiram para o segundo andar da agência para se proteger”, contou o funcionário do banco, que pediu para seu nome não ser divulgado.

Por volta das 14h30, mais vidraças do Banestes foram quebradas. Outro grupo depredou um ponto de ônibus no Centro.



GUSTAVO FORATINI/AT

COMERCIANTE fecha loja ao ser abordado por grupo com rosto coberto

Mais de 200 lojas ficam fechadas

Durante a manifestação de ontem, mais de 200 lojas do centro de Vitória ficaram fechadas. Indignados, comerciantes reclamaram dos prejuízos causados pelas manifestações realizadas nos últimos dias.

A estimativa foi passada pelo presidente do Sindicato dos Lojistas de Vitória, Cláudio Sipollati. “As lojas fecharam da avenida Jerônimo Monteiro até a Vila Rubim,” contou.

Muitos lojistas fecharam as por-

tas antes dos manifestantes chegarem ao centro da capital.

Em alguns momentos, eles eram intimidados a liberar os funcionários. Porém, com medo de que a violência observada durante o protesto colocasse em risco a integridade física dos trabalhadores, 12 funcionários da Palladium ficaram presos dentro da loja.

“Estamos com medo dessa confusão toda. Não podemos liberar os funcionários nesse cenário de

guerra. Se liberarmos, a loja pode ser responsabilizada”, disse o gerente da loja, Jefferson Conceição.

Vândalos também destruíram parte da fachada do supermercado Epa do Parque Moscoso.

Os prejuízos de ontem no comércio ainda não foram estimados. Até a última quinta-feira, as perdas haviam chegado a R\$ 20 milhões, segundo com o presidente da Federação do Comércio do Espírito Santo, José Lino Sepulcri.

“Os clientes ficaram apavorados e subiram para o segundo andar da agência para se proteger”

Funcionário do Banestes

CENAS



GUSTAVO FORATINI/AT

NA DESTRUIÇÃO da Secretaria de Estado da Fazenda, vândalos pegaram até cadeiras do órgão para quebrar vidros.



ADRIANO HORTA/AT

COM PEDRADAS, vândalos destruíram os vidros da agência do Banestes, na Praça Oito.



ADRIANO HORTA/AT

VIGILANTE do Banestes aponta uma arma em direção aos manifestantes. Um funcionário disse que houve disparos para o alto.

Reportagem Especial

MANIFESTAÇÕES

Pedágio destruído mais uma vez

Com gritos de guerra e dizendo que o pedágio iria cair na caneta ou na marreta, vândalos mais uma vez deixaram um rastro de destruição na Terceira Ponte na manhã de ontem.

Sem a presença da Tropa de Choque da PM na praça do pedágio, os baderneiros quebraram cinco cancelas e tentaram atear fogo nos sistemas eletrônicos, jogando bombas e sinalizadores. Seguranças contratados pela Rodosol enfrentaram o grupo.

Ao chegar ao local, a primeira reação do grupo foi liberar as cancelas da praça do pedágio. Esse ato chegou a ser aprovado pela maioria dos motoristas que passavam pela ponte, que buzonavam para os manifestantes.

Porém, não satisfeitos com a ação, alguns vândalos resolveram quebrar novamente as cabines do pedágio. A depredação começou pelas cancelas. Algumas foram arrancadas e outras, entortadas.

Eles também arrancaram câmeras que fiscalizam a passagem de carros na via. A carcaça da câmera foi arremessada ao chão.

Além disso, os baderneiros levaram os materiais de sinalização da praça do pedágio quando deixaram o local, entre eles os cones. Esse material foi levado pelo grupo

na carroceria de uma caminhonete até o centro, onde usaram os cones para bloquear as vias.

Os funcionários das cabines da Rodosol foram liberados assim que os vândalos começaram as depredações. Para evitar mais danos, seguranças rapidamente instalaram placas metálicas nas cabines.

O clima ficou tenso quando baderneiros tentaram retirar essas placas e foram impedidos pelos seguranças da concessionária. Por pelo menos três vezes, eles foram cercados por dezenas de mascarados, que incitavam a violência na manifestação.

Os seguranças da Rodosol não atacaram nenhum dos manifestantes e os princípios de tumulto se encerraram sem conflitos. Os baderneiros diziam que estavam sendo ameaçados, já que os seguranças simulavam com gestos estarem armados.

Uma parte do grupo, percebendo que a tensão em frente às cabines aumentava, saiu em direção à Praia do Suá, chamando os demais para irem ao Palácio Anchieta.

Dois vândalos mascarados gritaram um para o outro antes de deixarem o pedágio: "Não fica aí, é mais fácil pegarem você sozinho. Vamos para o Palácio, depois voltamos para quebrar tudo."



SEGURANÇA (de camisa listrada) tenta impedir que manifestante retire bloco usado para separar cabines



SEGURANÇAS DA RODOSOL entraram na frente dos manifestantes na tentativa de impedir as destruições das cancelas e das cabines do pedágio.



MANIFESTANTE usa o pé para destruir uma cancela do pedágio. Muitos rojões foram lançados contra as cabines da Terceira Ponte.

Cancelas ficam liberadas por mais de três horas

Veículos passaram de graça no pedágio da Terceira Ponte, ontem pela manhã, por cerca de três horas e 30 minutos. Os manifestantes liberaram a passagem dos carros e quebraram cinco cancelas.

É o que informou a assessoria de imprensa da Rodosol. Apesar do prejuízo, depois que os manifestantes saíram do local, a cobrança voltou a acontecer normalmente, inclusive nas cancelas danificadas.

"É possível realizar o controle da passagem dos carros e a cobrança mesmo sem a cancela", explicou a assessoria da concessionária.

Equipes trabalharam durante toda a tarde de ontem no local para consertar as cancelas que foram destruídas.

A assessoria de imprensa também informou que os manifestantes tentaram atear fogo nas caixas de energia da praça do pedágio e jogaram gasolina, mas não conseguiram. Uma câmera de vigilância nova também foi quebrada.

Os funcionários do pedágio da Terceira Ponte conseguiram sair das cabines quando os manifestantes estavam chegando à praça.

"Os funcionários foram retirados das cabines para que a sua integridade física fosse garantida", comunicou a assessoria.

O valor do prejuízo ainda não havia sido calculado até a noite de ontem.

CENAS NA TERCEIRA PONTE



UM MANIFESTANTE arranca a câmera de vídeo do pedágio da Terceira Ponte, enquanto outros destroem as cancelas para liberar os carros.

FALA, LEITOR!



“A manifestação vai refletir negativamente no meu salário. Tivemos que fechar as portas e eu ganho por comissão”

KARINA NUNES PEREIRA, 22 anos, gerente



“Não tem necessidade de fazer essa quebradeira. Infelizmente, quem irá pagar o prejuízo, como sempre, é a sociedade”

CARLOS JOSÉ ALMEIDA, 47, pintor de paredes



“Tivemos que fechar as portas porque ficamos com medo. Mas não tenho como ir embora, porque não passa ônibus”

KATHYWSSA MULULLO, 23, vendedora



“A manifestação virou barbárie. Eles perderam a razão destruindo imóveis. Sou contra o que estão fazendo nas ruas”

IRANI SCHNEIDER, 42, tec. edificações



“Eu estava descarregando cerveja perto do Palácio e tirei o caminhão de lá. Fiquei com medo de saque e de me machucar”

COSME ROMÃO, 31, motorista de caminhão

Reportagem Especial

MANIFESTAÇÕES

Mascarados usam pedra e bomba

Estilingues, bolinhas de gude, fogos, marretas e coquetéis Molotov também foram usados como arma para atingir a polícia e prédios

Usando camisas e máscaras para esconder o rosto, alguns vândalos chegaram ao protesto demonstrando estarem preparados para guerra.

Eles usaram pedaços de pau, estilingues, bolinhas de gude, fogos de artifício, garrafas de coquetel Molotov e até marretas para atingir a polícia e prédios.

Aparentando estarem organizados para resistir à força policial, um grupo de mascarados chegou a usar um martelo para retirar as pedras portuguesas das calçadas do centro de Vitória.

Outro grupo recolhia as pedras pelo chão, com a ajuda de uma lixeira com rodas. Elas eram distribuídas aos baderneiros na hora do confronto.

Para se proteger do gás lacrimogêneo, alguns também usavam máscaras especiais, parecidas com as da polícia. Outros colocavam vinagre em panos cobrindo o rosto.

Para fazer barricadas, o grupo usou pedaços de madeira, blocos de concretos, escadas e latões para interromper o fluxo de veículos na avenida Jerônimo Monteiro, que permaneceu fechada até as 16h30.

Além de prédios públicos e bancos, na tarde de ontem, os vândalos também destruíram um semáforo na avenida Jerônimo Monteiro, em frente ao Palácio Anchieta. Já a placa de sinalização indicando a sede do Executivo aguentou as investidas dos mascarados, mas acabou sendo pichada.

Pela manhã, durante a passeata até o Palácio, baderneiros já davam sinais do confronto iminente. Ao passar por um outdoor da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) de Vitória, na altura do bairro Forte São João, que dizia "Sem ordem não há progresso e nem país. Manifestação sim, vandalismo não", eles pararam para dar o recado.

Um grupo apagou algumas pala-



COM MÁSCARA DE GÁS cobrindo o rosto, rapaz usa estilingue como arma

bras, utilizando um spray. O que restou foi a frase: "Sem ordem há progresso e país. Manifestação sim, vandalismo". Os demais manifestantes aplaudiram a cena.

GRUPO

Um dos principais grupos que participou do confronto ontem foi o intitulado "Black Bloc Es" (Bloco Negro, em tradução livre), organizado por uma página em rede so-

cial. Eles afirmam terem como lema a resistência e usam a camisa protegendo o rosto.

Na rede social, eles convidam os participantes: "Black Bloc ES só crescendo, vamos 'pras' ruas que a Guerra só está começando!"

Nas internet, pela definição, o "Black Bloc" é o nome dado a uma estratégia de manifestação e protesto anarquista, usado em várias partes do mundo.



JOVENS soltam rojões na avenida Américo Buaziz, em frente à Assembleia

Repórteres são agredidos

Uma repórter e um cinegrafista da **TV Tribuna** foram agredidos durante as manifestações da manhã de ontem. A repórter foi atingida na parte de trás da perna por uma bola de gude, lançada por um manifestante com um estilingue.

O cinegrafista foi atingido por uma bala de borracha, logo depois da repórter sofrer a agressão.

Ela contou que estavam próximos à Rua Sete, no centro de Vitória, quando manifestantes e polícia entraram em confronto.

"Nós ficamos no meio, entre a polícia e os manifestantes e não tínhamos como sair dali. Um manifestante tentou me jogar uma pedra, mas eu desviei a tempo. Em seguida, outro veio atrás de mim e

lançou uma bola de gude com o estilingue."

A repórter contou que o rapaz que a atingiu gritou: "vamos detonar essa imprensa marrom mesmo. Vocês colocam tudo o que querem na televisão, então toma essa para vocês verem."

Quando ela sentiu que tinha sido atingida, não conseguiu correr e ficou escondida entre os carros parados na rua por cerca de 10 minutos. Um outro manifestante a ajudou a sair do local. "Estou muito assustada. Fazemos tantas matérias no dia a dia, mas essa foi a que mais passamos sufoco."

A repórter e o cinegrafista tiveram ferimentos leves e passam bem.

Secretário diz que a polícia agiu com cautela no Palácio

A ação da Polícia Militar (PM), segundo o secretário de Estado da Segurança Pública, André Garcia, foi classificada como cautelosa. Cerca de 300 pessoas que estiveram diante do Palácio Anchieta foram consideradas vândalos por ele.

Diante das críticas de que o Palácio teria sofrido muita depredação antes da ação da PM, o secretário declarou que, em uma situação como aquela, o uso da força poderia prejudicar pessoas que passavam pelo local e jornalistas.

"Em um cenário como esse, é preciso, em um primeiro momento, ter cuidado na reação da polícia, pois havia repórteres passando e curiosos filmando. Eles poderiam ser atingidos se a polícia agisse com força", afirmou.

Segundo ele, o Batalhão de Missões Especiais (BME) se posicionou dentro do Palácio para evitar confusão e resguardar o patrimônio público. "A presença do BME do lado de fora poderia ser entendida como provocação. Então, eles ficaram do lado de dentro. A polícia apenas reagiu", destacou.

"A nossa premissa é deixar a manifestação ocorrer, garantindo a segurança de quem está na rua. Confiamos que a manifestação seria pacífica e inclusive ficamos no



JOVEM algemado e deixado na rua

Palácio aguardando a chegada deles. Mas antes de qualquer solicitação ou palavra, eles chegaram depredando o patrimônio".

André Garcia destacou que a ação da polícia não deve mudar nas próximas manifestações. "Cada manifestação tem sua 'cara'. Nossa premissa é pela livre manifestação. Mas havendo provas de que vai se desenrolar de forma violenta, a polícia adota outra postura".

Militares passaram em uma radiopatrulha e algemaram Alcebíades Queiroz dos Santos e o deixaram na avenida República. Ele foi resgatado por manifestantes, que tentaram abrir as algemas.

CENAS DO VANDALISMO



PEDRAS FORAM RETIRADAS das calçadas e usadas para atacar prédios públicos e a polícia.



ESCULTURAS e até vasos de plantas da escadaria do Palácio Anchieta foram quebrados por vândalos.

Reportagem Especial

MANIFESTAÇÕES

População, com medo, se tranca

Por causa do cenário de guerra que se formou durante 10 horas ontem, no centro de Vitória, moradores se trancavam dentro de casa com medo de atos de vandalismo ou de serem atingidos por bombas e balas de borracha.

Durante os conflitos, era possível ver os moradores nas janelas e varandas dos prédios observando, de longe, o que acontecia na região. Alguns que chegaram a sair de casa por causa de algum compromisso, voltaram após a situação se acalmar para checar se suas residências estavam intactas.

Foi o caso do funcionário público Marcelo Lyra, 48, que saiu cedo para trabalhar, mas conseguiu ser dispensado. " Vim correndo para ver como estava a minha casa, porque tem muitos bandidos junto dessas manifestações", disse.

O comerciante João de Sena, 54, que mora no Centro, contou que estava no trabalho na hora do conflito e fechou as portas temendo a ação de vândalos.

"Foi terrível. Um cenário de guerra, com muito tiro, muita polícia. Somos trabalhadores e estamos sofrendo. Todo mundo se tranca por medo. Eu só vim traba-



GUSTAVO FORATTINI/AT

PESSOAS observaram das janelas

"Várias pessoas tentavam passar e não conseguiam. Minha família trancada em casa, me ligando, preocupada"

Fábio Meireles, 39, comerciante

lhar porque não posso perder meu dia", desabafou o comerciante.

A empresária Simone Cristina Roncati, 44, mora a poucos metros do trabalho e disse que ficou assustada na hora da confusão.

"Deu para ouvir tiros e o camburão que chegou apavorando. Nem na primeira manifestação, que fecharam tudo, o Centro ficou desse jeito. Sobre a ação da polícia, é uma faca de dois gumes. Ela tem que agir sim, mas contra os bandidos, não contra os manifestantes, mas os maus elementos se infiltram para roubar e depredar", analisou.

O advogado uruguaio Fabian Monteverde, 43, que mora em Vitória há cerca de 10 anos, contou que ele e mulher ficaram muito assustados. "O gás entrou na nossa casa", disse.

Na hora dos protestos, o comerciante Fábio Meireles, 39, estava na rua tentando chegar em casa pela praça Costa Pereira e ficou encurralado por causa de um confronto entre a polícia e manifestantes.

"Várias pessoas estavam tentando passar e não conseguiam, algumas até passaram mal. Fiquei assustado, com minha família trancada em casa e me ligando, preocupada. Nunca vi isso na minha vida", desabafou.

FALA, LEITOR!



JOÃO DE SENA, 54, comerciante

"Foi terrível. Isso é algo que poderia ser evitado, os políticos precisam fazer alguma coisa. Estamos sofrendo"



MARCELO LYRA, 48, funcionário público

"Cheguei depois do evento para checar minha casa. Fiquei preocupado, porque tem muitos bandidos nos protestos"



VINICIUS MAGALHÃES OLIVEIRA, 44, professor

"Toda a confusão aconteceu quase embaixo da minha janela. Ouvi muito barulho, gritos, tiros e explosões"



FABIAN MONTEVERDE, 43, advogado

"Ficamos em casa na hora do protesto, assustados. O gás entrou na nossa casa. Aqui nunca vemos polícia, mas hoje teve muita"



FÁBIO MEIRELES, 39, comerciante

"Estava tentando passar a praça Costa Pereira e fiquei encurralado. Nunca passei por nada assim, foi assustador"



JARILSON ALVES, 64, aposentado

"Deputados ganham R\$ 26 mil, enquanto tem professor ganhando salário mínimo. Tem muita coisa que está errada"



FÁBIO NUNES/AT

MANIFESTANTE se esconde atrás de madeira diante de policiais: clima de guerra assustou moradores do Centro

SUSTO E NUDEZ

FERNANDO RIBEIRO/AT



Grávida passa mal

Uma mulher grávida passou mal durante os protestos de ontem, assustada com a confusão próxima à padaria Expressa, onde trabalha, no Centro. Segundo a dona do estabelecimento, Ada Eliza Bortoluzzi (foto), a funcionária foi retirada da padaria às pressas.



GUSTAVO FORATTINI/AT

Nua em protesto

Pedindo mais atenção à saúde pública, principalmente no atendimento ao doente mental, uma mulher de 57 anos tirou toda a roupa em meio à manifestação.



GUSTAVO FORATTINI/AT

Medo de tiros

O empresário Paulo Vitor Pedroni, 27, o auxiliar administrativo Emerson Dias, 28, e o comerciante Fernando Santos, 23, todos mora-

dores do Centro, ficaram em casa na hora dos confrontos, temendo serem atingidos por balas de borracha. "Nunca vi o Centro com tanto policial", disse Fernando.



GUSTAVO FORATTINI/AT

Trancada no trabalho

A empresária Simone Cristina Roncati, 44, que mora e trabalha no Centro, falou sobre o sufoco que passou na hora dos protestos. "Fiquei assustada, trancada no trabalho. O prédio fechado, ninguém entrava e ninguém saía. Não tive medo porque estava no décimo andar, vi tudo de longe, mas não teria coragem de descer porque poderia sobrar para mim".

Sufoco de mãe e filha

No meio da destruição, uma cena chamou a atenção. Mãe e filha, que ficaram no meio do confronto, tentavam buscar um local seguro.

Abraçada à filha Letícia Amorim, 9, a manicure Mirian Helena Amorim, 27, dizia o tempo todo que queria sair do Centro. "Minha filha está em choque. Nunca pensei em ficar em um cenário de guerra como esse". Letícia, com lágrimas, dizia: "Vi bombas e eles quebrando tudo. Tô com muito medo."



GUSTAVO FORATTINI/AT

Reportagem Especial



FERNANDO RIBEIRO/AT



FÁBIO NUNES/AT

PONTO em frente à Assembleia Legislativa ficou lotado de passageiros à espera dos ônibus, que ficaram presos no trânsito engarrafado. Motorista tentou desviar passando sobre canteiro central

MANIFESTAÇÕES

Duas horas de espera por ônibus

Ruas interditadas no centro de Vitória deixaram o trânsito lento em vários pontos da capital e os pontos lotados de passageiros

Enquanto algumas ruas estavam interditadas por causa dos protestos no centro de Vitória, pontos de ônibus ficaram lotados. A espera chegou a duas horas para quem tentava ir para o trabalho ou voltar para a casa durante a manifestação.

A partir das 7h20, os dois sentidos da avenida Américo Buaiz, em frente à Assembleia Legislativa, na Enseada do Suá, foram interditados pelos manifestantes. Alguns motoristas desviaram pelo canteiro central da avenida.

Quando eles chegaram à praça do pedágio, na Terceira Ponte, o trânsito foi totalmente interrom-

pido para quem seguia para Vila Velha, e parcialmente no sentido contrário.

A manifestação seguiu pela Praia do Suá, interditando a avenida Beira-Mar até o centro de Vitória.

Segundo o gerente de Operação e Fiscalização de Trânsito da Guarda Municipal de Vitória, Marcelo Perozini, a avenida que ficou interditada por mais tempo foi a Jerônimo Monteiro, no Centro, durante a tarde.

“Os agentes desviaram o trânsito em vários momentos durante o dia, para que os motoristas evitassem congestionamentos”, disse.

Muitos ônibus desviaram a rota ou ficaram retidos no ponto final durante a manifestação. Pelo menos 40 ônibus das linhas municipais de Vitória atrasaram, pois passaram pela Jerônimo Monteiro.

De acordo com o diretor de planejamento da Companhia de Transportes Urbanos da Grande Vitória (Ceturb-GV), José Carlos Moreira, todos os ônibus do

Transcol circularam normalmente ontem. Mas eles precisaram mudar o itinerário.

“Os ônibus que passam pelo centro de Vitória desviaram a rota para a Rodovia do Contorno, a Serafim Derenzi ou para a Terceira Ponte”, afirmou Moreira.

Ele revelou que algumas linhas do Transcol atrasaram. “O que o passageiro mais sentiu foram os atrasos, em média, de 10 minutos.”

O secretário de Transportes, Trânsito e Infraestrutura Urbana de Vitória, Max da Mata, disse que os ônibus da cidade atrasaram, em média, 35 minutos. “O atraso prejudicou cerca de 50 mil usuários.”

Outros ônibus não chegaram a sair do ponto final em alguns horários. “Adotamos esse procedimento para que os coletivos não ficassem parados no engarrafamento, colocando em risco a vida da população”, disse o secretário.

Quando a manifestação acabou, por volta das 16h30, todos os ônibus voltaram a circular normalmente.



FÁBIO NUNES/AT

TRÂNSITO ficou parado na avenida Américo Buaiz, na Enseada do Suá

Próximo protesto é no mar

A próxima manifestação em Vitória será amanhã, a partir das 10 horas. Diferente dos outros protestos que já aconteceram até agora, essa será marítima e está sendo chamada nas redes sociais de “Marnifesto”.

As reivindicações dos manifestantes são o retorno do transporte aquaviário, drenagem do canal de Camburi, limpeza da praia de Camburi, fim do valão da Terceira Ponte, por uma marina pública, por mais incentivo aos esportes náuticos e também pela preservação da fauna marinha.

A saída será da Curva da Jurema e do Tancredão às 10 horas, da Praça do Papa e Enseada do Suá às 10h30, do Álvares Cabral e Ilha da Fumaça às 11h e, ao meio-dia, haverá uma concentração e em frente ao antigo Aquaviário. Às 13h30, está previsto um desfile no sentido da Praia de Camburi e depois a dispersão do movimento.

A organização orienta que é obrigatório o uso de colete salva-vidas e sugere que os manifestantes façam o percurso nadando, de barco, veleiro, pranchas, caiaques

ou outros tipos de embarcações.

Também está previsto que outros manifestantes façam o percurso por terra, saindo da Curva da Jurema, em direção ao antigo Aquaviário.

A “Marcha pela Educação”, que reuniria professores e aconteceria na tarde ontem em Vitória, foi adiada por motivos de segurança, de acordo com Régis Leite, um dos líderes da manifestação.

“Remarcaremos a manifestação nesta semana. Preferimos adiar por causa dos protestos de hoje (ontem). Não podíamos expor cerca de 600 pessoas ao perigo”, afirmou Régis.

As reivindicações dos professores manifestantes são por melhorias no ensino público brasileiro, por melhores salários para os profissionais da educação e novas universidades estaduais.

Uma manifestação de nome “Agora seremos 150 mil” está marcada para acontecer na próxima segunda-feira, com concentração na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), a partir das 17h. O trajeto ainda não está definido.

SUFOCO NO PONTO

FERNANDO RIBEIRO/AT



Saiu mais cedo

A empregada doméstica Maria Lima mora em Santana, Cariacica, e trabalha na Enseada do Suá. Por mais de duas horas ela ficou à espera de transporte em frente à Assembleia Legislativa, na avenida Américo Buaiz.

“Não passa nenhum ônibus, nem para perto de onde eu moro, nem táxi está passando. Fui liberada do trabalho mais cedo e não consigo chegar em casa.”

FERNANDO RIBEIRO/AT



Atalho em Vila Velha

A vendedora Ana Luiza Sanches e a costureira Laila Costa aguardaram por cerca de duas horas pelo ônibus da linha 510, do Transcol, que vai até Jardim América, em Cariacica.

“Tivemos que vir trabalhar e agora estamos há duas horas esperando. A solução vai ser pegar um ônibus para Vila Velha e, de lá, seguir para Jardim América, em Cariacica”, afirmou Laila Costa.

Reportagem Especial

MANIFESTAÇÕES

“O governo nunca encerrou o diálogo”

Após manifestação que acabou em depredação do Palácio Anchieta, na manhã de ontem, o governador Renato Casagrande (PSB) condenou a violência praticada por vândalos e afirmou que continua aberto ao diálogo para negociar possíveis reivindicações com manifestantes.

Casagrande destacou que o governo vai identificar quem é responsável pela depredação de patrimônio público e privado e vai agir com rigor contra os vândalos.

Ele destacou que o governo está aberto ao diálogo e chegou a comunicar por redes sociais que estava aberto a conversas.

“Nos colocamos à disposição para dialogar com os manifestantes, marcamos duas reuniões e na segunda, eles faltaram. Insistimos no diálogo, mesmo dizendo que não queremos. O diálogo é o caminho para evitar a violência”, ressaltou.

A TRIBUNA – Como o senhor avalia a manifestação?

RENATO CASAGRANDE – O que vimos foi a demonstração de violência e da negação ao diálogo. Tenho pregado que estamos abertos a dialogar, mas vemos dificuldade nisso. Hoje (ontem), vimos uma demonstração de intolerância.

A nossa expectativa é de que a gente consiga formar nesse Estado um ambiente de diálogo, um clima de manifestação pacífica. Nós não podemos suportar depredação a cada manifestação. Nós temos que apelar para a imprensa e apelar para todas as instituições.

> O governo vai continuar procurando o diálogo?

O governo do Estado está agindo fortemente para buscar um ambiente de diálogo para que a gente possa estabelecer uma pauta, que saíamos do processo de enfrentamento de depredação de vandalismo para de fato uma política madura, que possa fazer com que aquilo que estamos fazendo tenha

“O que vimos foi a demonstração de violência e da negação ao diálogo. Tenho pregado que estamos abertos a dialogar”

VÂNDALOS com rosto coberto ao lado da escadaria do Palácio Anchieta, que foi alvo de ações de baderneiros durante a manifestação de ontem



FERNANDO RIBEIRO/AT

O GOVERNADOR RENATO CASAGRANDE diz que o Estado não vai admitir depredação: “É tarefa minha condenar a violência, intransigência e pregar o diálogo. Temos que combater e ir na direção contrária a da violência que assistimos hoje (ontem) no centro de Vitória”

conhecimento dos manifestantes, e aquilo que a gente está fazendo possa continuar a fazer.

> Qual é a posição do governo diante desse tipo de manifestação?

Não podemos suportar depredação. Temos de buscar um ambiente de diálogo. O governo nunca encerrou o diálogo com ninguém. Seria um equívoco fazer isso em uma democracia.

E poderíamos até encerrar o diálogo, por causa da agressão que a população capixaba está sofrendo, mas não vamos. É tarefa minha condenar a violência, intransigência e pregar o diálogo. Temos que combater e ir à direção contrária a da violência que assistimos hoje (ontem) no Centro de Vitória.

> Mudou o perfil dos manifestantes?

Vimos, nas últimas manifestações, menos pessoas e mais violência. Peço que a população reflita sobre que perfil de manifestação

“Vimos, nas últimas manifestações, menos pessoas e mais violência. Peço que a população reflita”

nós queremos. Essa é uma reflexão que eu, como governador, tenho que fazer. O governo não pode conviver com esse tipo de manifestação cuja marca é a violência. Isso não ajuda em nenhuma conquista.

> Como o senhor vê a ação da polícia? Algo vai mudar?

A polícia precisa resguardar a integridade física e precisa agir com firmeza e cautela e com paciência. A nossa expectativa é sempre de que a manifestação será pacífica. A atuação da polícia hoje (ontem) foi no sentido de evitar danos às pessoas que circulavam

FERNANDO RIBEIRO/AT



GUSTAVO FORATINI/AT

POLICIAIS DA TROPA DE CHOQUE atuam no centro de Vitória

pelo Centro.

> Por que o Batalhão de Missões Especiais (BME) esteve do lado de dentro do Palácio nas manifestações?

A presença do BME ali do lado de fora do Palácio é porque, a gente na expectativa de ser uma manifestação pacífica, avaliou que poderia ser considerado uma provocação na visão dos manifestantes.

Sobre o BME, o governo sempre vai apostar no diálogo, então, por isso não colocamos o BME pelo lado de fora do Palácio. Este é o caminho da sociedade responsável, equilibrada. Este é o caminho de um governo responsável.

> Quem estava no Palácio Anchieta na hora das manifestações de hoje (ontem)?

Minha equipe de governo estava aqui. Estavam aqui André Garcia, secretário de Segurança, Tyago Hoffmann, secretário de Governo. Minha equipe de governo estava aqui. Nossa cultura, e não foi hoje, tem sido permanentemente a de deixar as pessoas circularem.

Passaram pelo Tribunal de Contas, pela Assembleia Legislativa, pelo pedágio da Terceira Ponte. Começou um pequeno tumulto no

pedágio da ponte, teve uma depredação pequena. Então nós confiamos de que a manifestação ia seguindo pacífica. Mas o que nós de fato assistimos foi já a uma chegada com atos de vandalismo. Antes de perguntarem “o governador está aí?” ou “o secretário está aí?”, antes de qualquer questionamento, de qualquer pleito, seja de palavra de ordem, antes de qualquer solicitação, já chegaram depredando este Palácio.

> O senhor fez uma avaliação das últimas manifestações. Sobre o futuro delas, quando acredita que vão acabar?

Não tenho condições de fazer essa avaliação. Nós estaremos sempre aqui em condições de transformar estas manifestações em manifestações que tenham racionalidade e equilíbrio.

“Antes de qualquer questionamento, antes de qualquer solicitação, já chegaram depredando esse Palácio aqui”